

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Kaiapó 151

Data: 26/12/92 Pg.: 1 MeKragnoti



Megaron Txucarramãe

▲ Caiapós preparam o batismo das crianças e comemoram a demarcação da área onde vivem, feita pela Fundação Mata Virgem de Sting e Raoni, no Xingu. **Meio Ambiente, página 14**

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Kaiapó Mekragnoti
 Data: 26/12/92 Pg.: 14 151

Fundação Mata Virgem demarca área caiapó

SANDRA BRASIL
Enviada especial

ÁREA INDÍGENA MENKRAGNOTI (MATO GROSSO E PARÁ) — Pela primeira vez no Brasil, a demarcação de uma reserva indígena não foi feita pela União e sim por uma organização não governamental (ONG). A Fundação Mata Virgem, criada em 1989 pelo cantor inglês Sting e por líderes caiapós, acaba de demarcar a área Menkragnoti, entre os estados do Pará e do Mato Grosso.

Foram gastos US\$ 650 mil (cerca de Cr\$ 7,6 bilhões pelo câmbio comercial) para delimitar em tempo recorde (74 dias) os 4,9 milhões de hectares da área Menkragnoti, que abrange parte dos municípios de Altamira e São Félix do Xingu, no Pará, e de Matupá e Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso. Só Sting arrecadou num show beneficente US\$ 500 mil (cerca de Cr\$ 5,8 bilhões pelo câmbio comercial). O restante foi doado por ONGs de vários países.

Uma das últimas reservas naturais de mogno do mundo, a Menkragnoti abriga as aldeias Pukanu e Kubenkokre, onde vivem cerca de 150 e 420 caiapós, respectivamente.

— Contraria os mais elementares conceitos de cidadania o fato de termos que aceitar que uma ONG demarque áreas indígenas, quando esta é uma obrigação constitucional do Governo federal — disse o antropólogo da Fundação Mata Virgem Olympio Serra, acrescentando que a ONG também desenvolve um programa de assistência médica no Parque Nacional do Xingu.

Para facilitar a identificação das invasões de garimpeiros e madeireiros, a fundação usou novas tecnologias na demarcação. São clareiras de 80 por 80 metros, abertas a cada dez quilômetros, que nas fotos de satélite aparecerão como uma cerca pontilhada. Entre essas clareiras, picadas de quatro metros de largura vão facilitar a fiscalização dos índios. Aliado a isso, a cada cinco quilômetros foram colocados marcos de concreto, como nas outras reservas.

Em 1993, a Fundação Mata Virgem pretende demarcar os 1,85 milhão de hectares da área indígena do Baú, em Altamira, no Pará. Rica em ouro e madeiras nobres, que estão sendo explorados indiscriminadamente há cerca de dois anos, a área é ocupada por 114 índios.



Sting e o líder Megaron discutem a criação da reserva caiapó em 1990

CORPO A CORPO

ENTREVISTA/Megaron Txucarramãe

‘Queremos mais apoio do Governo’

O vice-presidente da Fundação Mata Virgem, Megaron Txucarramãe, cacique da aldeia Capoto, disse que os índios precisam de orientação da Funai para não serem enganados. Desde 1984, ele dirige o Parque Nacional do Xingu e recebe um salário de Cr\$ 7 milhões da Funai.

O GLOBO — Como você vê a ausência da Funai nas áreas indígenas do país?

MEGARON — É muito ruim. A Funai não tem mais nada, nem remédios, nem aviões. Todo funcionário da Funai que cuida de áreas indígenas está pagando para trabalhar. Eu mesmo, há alguns dias, gastei Cr\$ 14 milhões com a compra e o transporte de material para construir uma pequena enfermaria na aldeia Kajabi, no Xingu.

O GLOBO — Além de trabalhar na Funai, você também ajuda a Fundação Mata Virgem. O que você acha do trabalho da entidade?

MEGARON — Muito bom. Tudo começou quando o meu tio Raoni pediu ao Sting que ajudasse o nosso povo. Em 1988, Sting foi ao presidente Sarney para pedir a demarcação da área Menkragnoti. O presidente disse que não ti-

nha dinheiro e então eu, meu tio e o Sting viajamos pelo mundo para arrecadar recursos. Como a Funai não tem recursos para mais nada, nós aceitamos com muita alegria os benefícios da fundação.

O GLOBO — As reservas Menkragnoti e Baú foram invadidas por garimpeiros e madeireiros. É possível ensinar os índios protegerem suas terras?

MEGARON — É preciso que a Funai oriente os índios para que eles não sejam enganados. Se tem índio doente e a Funai não socorre, madeireiros e garimpeiros transportam o índio nos seus aviões para os hospitais. No Xingu, a gente não deixa nem pescador entrar. Criamos postos de fiscalização em locais estratégicos para impedir as invasões. (S.B.)



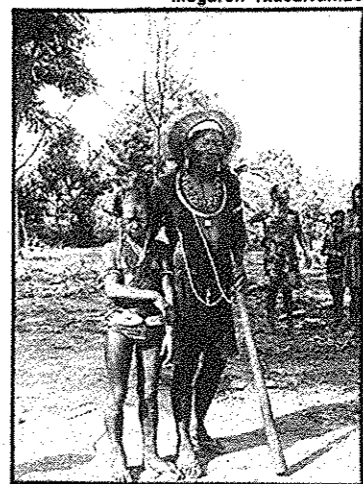
Os mitos e os ritos de um povo

Os índios que acreditam ter vindo do céu

ÁREA INDÍGENA MENKRAGNOTI (MATO GROSSO E PARÁ) — Conhecido desde o final do século XVII, o povo caiapó soma hoje cerca de três mil índios espalhados em diversas tribos no sul do Pará e no norte do Mato Grosso. Eles acreditam que a raça humana surgiu quando seus ancestrais, que viviam no céu, descobriram uma passagem para a Terra enquanto caçavam tatu. Tempos depois, houve um dilúvio e apenas os caiapós sobreviveram.

A disposição das casas nas aldeias reflete a organização social e política dos caiapós. Elas formam um círculo em torno da “Casa dos Homens”, espaço reservado para as discussões dos problemas da comunidade. O círculo para eles é uma forma sagrada, que orienta também as danças e os roçados.

Os caiapós acreditam que o planeta Terra é um disco chato, redondo, e que tem a aldeia como ponto central. Eles chegam a passar dois meses em caçadas, que servem tanto



Krumare e sua noiva de 10 anos

para abastecer as aldeias de alimentos como para a fiscalização do território.

Os casamentos são estáveis. Segundo o antropólogo Olympio Serra, na maioria das vezes eles resultam de uma negociação social e política. Um exemplo disso é o noivado de Krumare, de 65 anos, um dos líderes da aldeia Cachoeira, no norte do Mato Grosso, com Nhokrua, de 10 anos, neta do cacique Montinô da reserva indígena do Baú, no Pará. Apesar de já dormirem juntos, o casamento deverá ser oficializado quando a noiva estiver na adolescência. (S.B.)

Ausência da Funai facilita invasões

ÁREA INDÍGENA MENKRAGNOTI (MATO GROSSO E PARÁ) — A ausência do Governo federal na área indígena Menkragnoti tem facilitado a invasão de garimpeiros e madeireiros. Sem assistência médica, os índios são obrigados a aceitar a exploração de suas riquezas. Em troca do empréstimo de avião para o transporte de índios doentes, os garimpeiros e madeireiros levam ouro e mogno da área. Eles também indenizam os índios com dinheiro e, às vezes, pagam até em dólar.

— Os índios sempre saem perdendo porque os garimpeiros e os madeireiros sabem negociar, e eles não — disse o administrador do Parque Nacional do Xingu e vice-presidente da Fundação Mata Virgem, Megaron Txucarramãe.

Ele acrescentou que, ao vender uma árvore de mogno, os índios não sabem cobrar todos os prejuízos causados à natureza e, no final, recebem apenas pelo tronco. Segundo o chefe do posto da Funai da reserva do Baú, Ozanan Gomes Duarte, há três anos a aldeia não recebe medicamento do Governo.

— Há meses que nós temos até 30 casos de malária por mês, dos quais 90% são do tipo falciparum, que é o mais grave. O jeito é salvar os índios em aviões dos garimpeiros porque os da Funai não aparecem no Baú há cerca de quatro anos — disse Duarte, acrescentando que tem tratado dos índios com remédios fornecidos pelos garimpeiros.

Os aviões da Funai estão parados porque a instituição não tem recursos para pagar os serviços de revisão e manutenção. No ano passado, o então presidente Fernando Collor enfraqueceu a Funai ao transferir para o Ministério da Saúde a responsabilidade sobre a saúde dos índios, o Ministério da Educação ficou encarregado da educação e o Ministério da Agricultura deveria dar assistência agrícola.

O dinheiro dos garimpeiros e madeireiros também tem sido empregado em benefício das aldeias Pukanu e Kubenkokre. As três áreas possuem antena parabólica, TV e rádio. A venda de mogno possibilitou que os índios kubenkokre comprassem um avião bimotor Seneca, que tem um custo mensal de manutenção de cerca de US\$ 15 mil. (S.B.)